



*Cyro dos Anjos, 1906-1994.*  
Bico-de-pena de Luís Jardim.

# Cyro dos Anjos ficcionista e memorialista

ANTONIO OLINTO

Como escritor, criou Cyro dos Anjos um escrínio próprio dentro da literatura brasileira. Lírico, esculpindo o R de Ri-soleta numa palmeira imperial, era também zombeteiro – uma palavra que não se usa tanto hoje – mas zombeteiro de leve. As paixões se sucedem em seu romance: Fabíola, Diva, Elza, idas ao cinema – a palavra então usada era cinematógrafo.

Família grande, irmãos e irmãs. O mano Artur tocava flauta na orquestra do lugar. Acima de tudo as raparigas em flor, não muito diferentes das que Proust vira muito longe, numa cidade chamada Paris. O mundo era feito de um permanente ritual. Havia o que devia ser feito e o que não devia ser feito. Talvez igual ao que era outro aglomerado de gente. Surgira uma guerra na Europa, mas o mundo mineiro tinha uma realidade própria. Santana do Rio Verde, cidade real que se torna fictícia, ou vice-versa. Parecida com uma Caaratinga ou uma Teófilo Otoni, todo aquele chão da classe média mineira, diferente da região de Urucuía, onde Guimarães Rosa ergueria o seu mundo.

Mesa-redonda  
*10 Anos sem Cyro  
dos Anjos,*  
realizada em 29  
de julho de  
2004.

Palpitava em todos esses lugares uma paixão pela vida, que se exprimia numa busca incessante de atividades, que incluíam o contato com os mendigos e os meninos, que se tornavam amigos deles, pois eram eles os meninos em Santana e tinham a tarefa de dar a esmola e presidir a distribuição da farinha. Formavam aqui os mendigos uma classe definida. O sábado era o dia consagrado à pobreza, e os pobres desfilavam diante dos meninos para receber o seu de comer.

Criança gosta de doce, e o romancista e memorialista lambia os beijos contemplando as maravilhas e a doçura luso-afro-brasileira, a partir dos seus nomes e estilos, sua carga de ternura, lirismo e raça. Os doces tinham nomes assim: beijos-de-freira, suspiros, papos-de-anjo, melindre, baba-de-moça, arrufada, esquecidos, galhofas, espera-marido. Todo esse mundo que a memória grava e melhora aparece na ficção de Cyro dos Anjos. Com Belmiro já morando em Belo Horizonte e mergulhado não só na luta pelo trabalho, mas também no trabalho de ver e amar as moças. Note-se que há invenção do nome de sua nova capital, e quando Cyro e Belmiro lá chegam a cidade saía da infância. Note-se que belo nome para ela descobriram. Já nos acostumamos com isto – Belo Horizonte – como sendo uma cidade, uma capital. Nem sempre nos lembramos que se trata de um nome de gosto mineiro, no orgulho de um horizonte que é, antes de tudo, belo.

Tanto na ficção como nos livros de memória de Cyro dos Anjos, vemos uma juventude que ali começa a aparecer: San Tiago Dantas, Gustavo Capanema, Juscelino Kubitschek, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Francisco Campos. Indo em férias à sua cidade natal, depara com a exaltação provocada por soldados que iam para o Norte, no encalço dos rebeldes da Coluna Prestes.

Com o lançamento do seu romance *O Amanuense Belmiro*, entrava Minas Gerais de corpo inteiro na ficção brasileira do século XX. É uma narrativa na primeira pessoa, como se fosse livro de memórias, no estilo que flui em ritmo natural, as palavras parecendo sair mais do leitor do que do romancista, na busca de um tempo que fugia, quando o personagem sofre porque não mais encontra a gameleira solitária, que derrubaram para nada. A fazenda, o rio, o

buritizal, a própria montanha deixava de existir. A lagoa foi drenada e convertida em pasto. Como se pode suprimir uma lagoa? Como se pode cortar uma árvore? É como se destruíssemos algo humano, vivo, premente.

É necessário tomar uma decisão e não voltar aos lugares antigos, de coisas que não estão no espaço. As coisas estão é no tempo. As coisas moram no tempo, e o tempo está dentro de nós.

Como se vê, quem sai no encalço do passado reconhece que pode recuperar o que se foi. Toda a técnica narrativa de Cyro dos Anjos está nessa feliz sujeição ao tempo, nesse amor ao tempo, desde que saibamos aceitar a possibilidade, quase a certeza de que podemos vencer o real.

Fui encontrar numa revista de Belo Horizonte, *A Gaiaca*, edição de março de 1958, a fonte da tranqüila aceitação de Cyro dos Anjos perante as possíveis violências da realidade. Há nesse número de *A Gaiaca* um poema de Lêdo Ivo em homenagem a Lorca, um ensaio de Zora Seljan sobre teatro e *folk-lore*, um poema de minha autoria a Rocco de Nascimento e, entre outras matérias, um artigo de Cyro dos Anjos chamado “Arte, necessidade biológica”. Nele, depois de ligar a sensação estética às manifestações básicas do ser humano, como a fome e o sexo, diz concordar com André Maurois de que precisamos “emoldurar o real” para vencê-lo: “Precisamos de ritos, precisamos de uma liturgia. A morte de um ente amado pode provocar reações desesperadas, choros, gritos, cenas de histeria. Seria uma loucura se os ritos não interviessem para estabelecer uma ordem. Antes de mais nada, o morto é posto numa cama, em atitude calma e nobre como se fosse uma obra de arte. Em seguida, a religião impõe aos circunstantes que tenham comportamento ordenado e recitem textos que são orações e poemas. Os cantos pela intervenção do culto substituem os gritos, formando um emolduramento do real. Às vezes uma representação do real, ou uma evasão do real, ou uma complementação do real.”

Nesse artigo da revista *A Gaiaca*, está uma posição que se mostra de acordo com o temperamento de Cyro dos Anjos, escritor que tão bem nos representou em sua luta silenciosa para governar os acontecimentos sem deixar de lhes sentir a força, a tragédia, a beleza, a poesia.

MONTANHA

PEDRO / GABRIEL

~~Qué es la vida? Un frenesí;  
Qué es la vida? Una ilusión,  
Una sombra, una ficción  
Y el mayor bien es pequeño;  
Que toda la vida es sueño,  
Y los sueños, sueños son.~~

~~("La vida es sueño",  
Calderón de la Barca, Cena XIX,  
Jornada Segunda).~~

Para Maria da Graça,

estas originaes d'um livro  
que talvez venha a chamar-se "Montanha".  
O oportunamente poderia fazer tempo que  
superestivesse a obra... Esclareço, pois, que  
o faço a pedido do campador Lido.

Lisboa, 22 de Julho de 1954

Luís de Brito

# Cyro dos Anjos e o romance

LÊDO IVO

**E**stamos no umbral do século XXI. Assim, falar de Cyro dos Anjos é falar de um escritor brasileiro do século passado. E para inseri-lo no século passado temos que nos referir à totalidade desse século, o século XX, o século de Machado de Assis, que em 1904 publicou *Esau e Jacó*, e *O Memorial de Aires* em 1908, e *As Relíquias da Casa Velha* em 1906. De modo que Machado de Assis é um dos grandes escritores do século XIX, mas também do século XX, porque três dos seus livros mais importantes foram publicados no século passado. Além disso, foi o século de Euclides da Cunha, de Rui Barbosa, que representa o neo-barroquismo literário: o século do Realismo e do Naturalismo provindos do fim do século XIX. Foi o século do Parnasianismo e do Simbolismo, do Modernismo paulista, do Modernismo mineiro, do Modernismo nordestino, da chamada Geração de 45 e suas etapas posteriores. Finalmente, foi o século da abolição dos *ismos*, porque depois que deixaram de ser criados na Europa, o Brasil deixou de tê-los e os escritores se converteram em figuras solitárias.

Mesa-redonda  
*10 Anos sem Cyro  
dos Anjos*,  
realizada em 29  
de julho de  
2004, com a  
participação dos  
acadêmicos  
Sábato Magaldi,  
Antonio Olinto  
e Lêdo Ivo.

É exatamente nesse contexto, a meu ver, que Cyro dos Anjos deve ser situado: no segmento do chamado romance mineiro, que floresceu na década de 30. O que caracteriza esse romance é exatamente o fato de Minas Gerais ter sido o estado brasileiro da extração das jazidas e das riquezas escondidas. Uma coisa curiosa é que os escritores mineiros dessa época – Cyro dos Anjos, João Alphonsus, Cornelio Penna, Lúcio Cardoso – são escritores da introspecção, voltados para a análise psicológica. Em nenhum escritor mineiro há a nota do reconhecimento da miséria social. A miséria social, que foi o grande tema da literatura nordestina da década de 30, de José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, está inteiramente ausente de toda a literatura mineira, inclusive da obra de Guimarães Rosa. São escritores que se preocupam mais com questões de natureza psicológica e existencial, com o problema da culpa e do pecado – no caso de Guimarães Rosa, até com o problema da presença do Demônio na vida cotidiana. Nenhum deles se volta para o problema da condição social do homem.

Há escritores que não enxergam a miséria social e econômica que ofende e humilha o homem. E ainda os que, enxergando-a, a pintam com cores fagueiras e idílicas, como se ela fosse uma coisa poética ou uma motivação para efusões líricas.

Lembro-me de que, quando menino, li o livro de Godofredo Rangel *Vida Ociosa*, onde as taperas dos caipiras eram tão atraentes que dava até vontade de se morar nelas.

O que caracteriza, a meu ver, a obra de Cyro dos Anjos é exatamente a marca da introspecção e do intelectualismo.

Outro problema que deve ser levantado é o de saber se Cyro foi um escritor modernista. Não, não o foi. Foi um escritor moderno e, num certo sentido, um escritor antimoderno. Os grandes característicos do Modernismo, como a ruptura com o passado nacionalista, a oralidade estilística, o sentimento da velocidade e da pressa, o primitivismo, o estilo lacônico ou telegráfico, tudo isso está ausente em Cyro dos Anjos. Ele é, por sua natureza, um clássico brasileiro, que pertence àquela linha que citei, na semana passada, quando falei sobre

Laudelino Freire. Impelia-o a obsessão de escrever bem, de manifestar-se com maior apuro lingüístico. Esse era o caso de Cyro dos Anjos, que leu os clássicos portugueses: Fernão Lopes, Gil Vicente, Arraes, Rodrigues Lobo. Todos os grandes clássicos portugueses tinham guarida na sua biblioteca e na sua leitura.

Outra característica de Cyro dos Anjos muito invocada é a sua relação com Machado de Assis. Tenho a impressão de que há realmente uma certa filiação, mas essa filiação não é tão veemente quanto se diz. Não há nele aquele pessimismo de Machado de Assis, a visão amarga, dramática, trágica. Cyro dos Anjos entra por uma vereda menos zombeteira, mais graciosa, mais risonha e até com a marca da esperança. Ele foi católico e esse catolicismo está presente especialmente no seu romance *Abdias*, uma história que termina com uma espécie de hino à esperança ou à redenção.

Outro aspecto que nele nos impressiona é o problema da moça em flor, que permeia suas obras, essa obsessão do homem de 40 anos pela moça em flor, como é o caso de *Abdias*. Ele diz que só um homem de 40 anos é que pode apreciar a beleza, a graciosidade, a inocência de uma jovem de 20 anos. Toda a história de *Abdias*, uma história muito casta, muito limpa, muito branca, gira exatamente em torno do chamado amor platônico, um amor por moças em flor, que naquela época eram figuras esvoaçantes, voláteis e virgens. Então, essa é uma outra característica de Cyro: a sua pudicícia, o seu pudor literário.

Seu livro de estréia, muitos o consideram o seu melhor livro, e talvez o seja, porque é um livro em que Cyro se revela no auge do seu frescor, da sua matinalidade. Quando o conheci, em 1945, ele estava empenhado em escrever um terceiro romance, o *Montanha*. Há que se salientar que nos dois primeiros livros o narrador fala sempre na primeira pessoa, de modo que os romances de Cyro são mais diários, romances da primeira pessoa, da memória, de uma espécie de intelectualismo disfarçado, romance do burocrata, das vidas íntimas, das vidas secretas.

Em 1945 ele partiu para a construção de um novo romance, *Montanha*. Era a época em que comeci a conviver com ele e acompanhei a gestação desse romance. Ele queria fazer um romance em que a primeira pessoa fosse excluída:

um romance de personalidades, de figuras. Um romance até, em certo sentido, balzaquiano. Nesse romance da ambição e do poder político, e no qual desfilam numerosas figuras *à clef* de políticos mineiros, ele aplicou dez anos de sua vida, procurando até inovar esteticamente. Lembro-me de uma viagem que fizemos juntos a Belém do Pará, e ele estava lendo a tradução do novelista norte-americano Horace McCoy, *Mas não se Matam Cavalos?*. Essa tradução fora dada a ele por Sábato Magaldi. Ele queria se renovar tecnicamente, e começara a ler John dos Passos e outros romancistas norte-americanos. O devotado leitor de Proust e dos moralistas franceses buscava novos ares.

O romance *Montanha* não teve uma recepção crítica muito estimulante. O grande crítico Wilson Martins o rotulou de “romance gorado”. De qualquer maneira esse romance, para mim, tem uma grande importância afetiva por uma razão muito simples: os originais dele foram doados à minha filha Maria da Graça, que era afilhada dele. São quase mil páginas de um manuscrito, de versões e subversões. Minha filha depois pediu para doar esses originais ao Arquivo da Academia, onde se encontram. Considero que esse larguíssimo manuscrito, que documenta dez anos de um labor criador, deva ser abordado como uma das portas para a compreensão de sua obra e processo criador. A chamada Crítica Genética, a crítica voltada para o processo de criação literária, haverá de encontrar nesse manuscrito uma grande lição daquele que, a meu ver, foi uma espécie de Flaubert brasileiro, um escritor que torturadamente buscava a perfeição formal.

# José Cândido de Carvalho, autor de histórias

ANTONIO OLINTO

**S**enhor Presidente, meus Colegas de Mesa, senhora Acadêmica, senhores Acadêmicos. Meus amigos.

Estou sentado aqui, em frente a vós, e sinto-me com onze anos de idade, em Campos, no Colégio Bittencourt, onde eu estudava e tentava fazer uns poeminhas. Em frente ao colégio havia o Liceu, onde estudava um jovem chamado José Cândido de Carvalho, que começava também a escrever. A diferença de idade entre nós dois é de cinco anos. Eu tinha onze anos e ele dezesseis. Ele soube que havia um aluno no Colégio Bittencourt que escrevia. Ele foi lá, nós nos encontramos, e ele me perguntou: “ – O que é que você escreve?” Eu disse: “ – Poesia.” Nesse tempo eu só escrevia poesias. Ele disse: “ – Eu escrevo histórias.” Assim foi o meu primeiro contato com esse cavalheiro chamado José Cândido de Carvalho.

O destino depois nos aproximou. Machado de Assis, que é quem manda nas memórias literárias no Brasil, concorreu para que os dois,

*Mesa-redonda  
90 Anos de José  
Cândido de  
Carvalho realizada  
no Salão Nobre  
do Petit Trianon,  
no dia 15 de  
abril de 2004,  
com a  
participação dos  
acadêmicos  
Antonio Olinto,  
Arnaldo Niskier,  
do jornalista  
Hélio Bloch e do  
embaixador  
Ricardo Luiz  
Viana de  
Carvalho.*

Zé Cândido e eu, viéssemos para esta Casa. Ele veio antes, porque era mais velho, e alcançou fama bem antes de mim.

O que fez ele na literatura brasileira? Fez uma coisa espantosa. Somente dois escritores fizeram a mesma coisa no último meio século, que foi mudar a nossa língua: José Cândido de Carvalho e Guimarães Rosa. Cada um ao seu jeito, cada um ao seu modo, interferiram na língua portuguesa, inventaram até uma língua, tal como Joyce fez, na Irlanda, com a língua inglesa. E, inventando essa língua, sacudiram a literatura brasileira. É claro que todos nós amamos as palavras, o escritor deve amar as palavras. Mas, às vezes, esse amor é muito subordinado, nós não gostamos de tocar nelas, de machucá-las, de sacudi-las, de mudá-las, de renová-las. Nós queremos as velhas palavras de sempre, que Camões e Vieira usavam. Há escritores que entram no meio das palavras, começam a sacudi-las, a provocar uma confusão entre elas e, às vezes, levantá-las e renová-las. Foi o que fez José Cândido de Carvalho, não no seu primeiro livro importante, que foi *Olha para o céu, Frederico*. Este foi um livro normal, o livro de um escritor estreando, que mostrava poder contar a sua história num bom português.

Mas, depois, quando começou a viver a sua vida, ele desandou a fazer coisas espantosas. Se ele quisesse dizer, por exemplo, “Você é bonita, embora orgulhosa”, ele dizia: “Você é bonita, apenasmente orgulhosa”. Ele começou a inventar umas palavras acrescentando “mente” ou outros sufixos que passaram a dar um tom novo; porque não procedia assim só de vez em quando, ele fez isso num livro todo. Quando lemos esse livro nos perguntamos quanto ele está inventando, porque nos acostumamos com aquelas invenções. Essas invenções são de tal maneira que, no final, o leitor percebe que também está fazendo uma experiência.

Por que será que em Minas Gerais, no lugar do gado, e em Campos, no lugar da cana-de-açúcar, esses dois escritores escreviam de modo tão novidadeiro? O que será esse vínculo? No alto sertão mineiro, havia, é claro, aquela linguagem do sertanejo mineiro, onde Guimarães Rosa foi buscar muitas de suas inovações. Rosa às vezes tomava nota daquilo que os sertanejos diziam, toma-

va nota daquelas frases ou daquelas palavras que eles estavam usando, tal era a sua vontade de mudar... Eu estava em missão diplomática na África e ele mandou-me uma carta dizendo assim: “Você pode me mandar o Padre-nosso em iorubá?” Iourubá é a língua dos africanos, e eu que tinha começado a aprender um pouco de iorubá, fui à igreja católica e pedi uma cópia do Padre-nosso e da Ave-Maria.. Quando ele a recebeu, escreveu-me dizendo: “Que beleza!” A palavra “santo” em iorubá é “mimó”. Então ele repete assim: “Santa Maria, mimó...” Ele ficou encantado com aquele “mimó”. E dizia: “Mas, que bela palavra para dizer uma coisa santa!” “Mimó” com acento no ó, como quase todas palavras iorubá, como “iorubá” mesmo, que é uma palavra oxítona. Então, essa vontade de saber, de ver de que maneira a palavra é feita, como é que ela pode ser renovada, como pode ser usada de novo, é própria de alguns escritores que definitivamente mergulham nas palavras. E nós podemos dizer que, na literatura brasileira, a partir de Machado de Assis, o novidadeiro por excelência foi o autor de *Os Sertões*, Euclides da Cunha. Foi nesses dois autores que os que vieram depois foram, de fato, procurar.

Haverá em Campos esse tipo de expressão? Haverá em todo o Norte Fluminense da cana-de-açúcar essa “novidadeiração”? Evidente que estou usando uma expressão que ele usava muito, ou “mente” ou “ação” ao fim de uma palavra corriqueira, que a gente não entendia, então perguntava: “Mas, por que “ação”, aqui, onde não tem nada a ver?” Ele dizia, e nós concordávamos com ele, que o povo às vezes inventa uma palavra e acrescenta uma sílaba por qualquer motivo, principalmente quando essa sílaba era uma “ação”, um “eira”, isto é, uma desinência que possa dizer alguma coisa.

A releitura, hoje, de *O Coronel e o Lobisomem*, para mim que o reli inteiro, foi uma experiência de como podemos usar um português novo, e cada um de nós pode fazer isto, pode mergulhar no português comum, principalmente na narrativa, mas também na poesia, e tirar dele uma consonância diferente, um entendimento diferente, porque o que temos, acima de tudo, é o entendimento. Nós temos que entender a palavra antes de usá-la, temos que amar a palavra antes de jogá-la dentro de uma frase. Esse amor e essa utilização é que fazem

com que o escritor mergulhe de fato naquilo que é a sua língua, que é a palavra que ele usa para dizer o que ele quer dizer.

Dentre as coisas estranhas do nosso escritor, temos, por exemplo, o que ele de vez em quando dizia. Ele queria conquistar uma moça, e lhe dizíamos: “Vamos passear em tal lugar.” Então dizia: “Não posso porque ando de jurisprudência firmada em cima de D. Emerenciana.” Essa “jurisprudência firmada” em cima de D. Emerenciana, de D. Maria, de D. Elza ou de quem quer que fosse, nós a entendíamos, mas não existe essa expressão para dizer que se está apaixonado, que se está dando em cima. Não existe, mas se entende na mesma hora. Ele dizia, por exemplo: “Embora você não goste...”, “Você não pode fazer menasmente isso”. Não existe o advérbio ‘menasmente’, mas ele queria dizer que não se podia fazer “principalmente isso”. Nessa linguagem ele escreveu 340 páginas, numa narrativa em que usa em todos os minutos essa linguagem dele. De fato, *O Coronel e o Lobisomem* é uma obra-prima, sob todos os aspectos. É uma obra-prima com fabulação, isto é, como invenção. É uma obra-prima como fixação de um ambiente que é o norte de Campos. É uma obra-prima como renovação de palavras, é uma obra-prima como força de exprimir aquilo que ele quer exprimir, porque vai buscando uma nova palavra, capaz de dizer aquilo melhor do que as palavras que ele usou até aquele instante. Por exemplo, de repente ele vê uma serpente, andando, solta, então diz: “Cobra numa viagem ao luar.” Quer dizer, uma cobra pode passear ao luar, como nós podemos passear ao luar. Em tudo que ele vai escrevendo a sua atenção está em usar a palavra, mas sai um pouco dela para provar que isso pode ser feito, que a palavra estua; mas se você é escravo dela, ela também pode ser sua escrava. Pode-se manusear de tal maneira a palavra, para que ela possa exprimir muito mais do que exatamente aquilo que está dito ali.

Vejamos, por exemplo, o começo do romance: “Sou Ponciano de Azevedo Furtado, coronel de patente, de que tenho honra e faço alarde.” Daí ele vai até o final, quando ele vai morrer, e diz: “Ele saiu em luta mortal contra o pai de todas as maldades”, que é o demônio, aquilo que, na hora, pode ser uma cobra.

“Do lado do mar vinha um canto de boniteza nunca ouvido. Devia ser o canto da madrugada que subia.” Aí ele morre.

Ele começa, então, primeiro colocando o que é o homem, que é o Coronel – coronel no sentido antigo do interior, não era o coronel de exército, mas um coronel de política. Então, José Cândido vem “coronelandando” – é o verbo que ele usaria – o romance todo. Nessa ‘coronelação’ ele revela, ao mesmo tempo, todo aquele interior do norte do Estado do Rio. Nesse sentido, era também voltaireano, o Voltaire do *Candide* – Zé Cândido. Era o Candide de Voltaire que andava entre as palavras e as frases, e chutava palavras e frases, guardava no bolso palavras e frases que ouvia do povo, e tudo aquilo ia constituindo um império dentro dele, o império que o levou, ao longo da vida, pensando, brincando, brigando – ele era um homem esfuziante – a fazer uma obra-prima.

José Cândido disse-me um dia, logo depois de publicado *Olha para o Céu, Frederico*: “ – Não é um bom romance.” Perguntei-lhe: “ – Por que não?” Ele: “ – É um romance de estréia, chama atenção, mas não é um bom romance. Eu ainda vou fazer um bom romance. Está tudo cá dentro. Não deu pra fazer agora, mas ainda vou fazê-lo.” Anos depois ele conseguiu fazer o seu romance. Esse é o homem cuja memória festejamos agora. Festejamos a glória desse homem, a glória de uma luta permanente, que ao mesmo tempo não queria mais nada, não queria ser deputado, nem senador, nem governador. Ele queria ser governador das palavras. Queria ser o dono das palavras, o homem que, de fato, com um chicote, pudesse fazer com que as palavras fizessem aquilo que ele queria.

Ele me disse: “Um dia ainda farei um grande romance”, e, quando eu o li, mais tarde, encontrei-me com José Cândido e lhe disse: “ – É verdade, você fez um grande romance.” Ele perguntou: “ – Você acha?” Eu disse: “ – É claro. Você deve ter consciência disso. Espero até fazer um ensaio com o seguinte título: “Dois parâmetros: As *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e *O Coronel e o Lobisomem*, de José Cândido de Carvalho”. Seriam dois parâmetros de dois romances, que de certa maneira se parecem, porque são romances soltos, abertos. Não parecem tão bem planejados. O *Me-*

*mórias de um Sargento* é um grande romance, mas não é planejado, é um romance que está na linha de Stendhal, feito por um menino de vinte e poucos anos, escrevendo para o jornal todos os dias, às pressas. Perguntavam-lhe: “ – Onde está o capítulo de hoje, ainda não veio, não?” E Manuel Antônio de Almeida dizia: “ – Espera aí, que vou acabar o capítulo já.” Hoje se lê as *Memórias de um Sargento de Milícias* e percebe-se nele uma unidade espantosa. Seu autor faleceu aos trinta anos, num naufrágio do navio *Hermes* perto de Macaé e Campos – aliás, ele ia para Campos.

Depois desse romance temos, de um autor campista, *O Coronel e o Lobisomem*. Os dois romances se parecem também porque têm o povo dentro de si. É muito difícil colocar o povo num romance. Gostamos de colocar pessoas que conhecemos, ou que vivem no mesmo meio que nós. O povo, mesmo, tal como o percebeu e colocou em seu romance Antônio Manuel de Almeida, o povo, mesmo, tal como o nosso ficcionista fez, é muito diferente. É diferente sob todos os aspectos porque você tem que se integrar naquele espírito, tem que ter vivido realmente naquele ambiente todo. Como foi que Manuel Antônio de Almeida conseguiu conhecer aquele grupo, Leonardo, principalmente? Como conseguiu ele fazer cinco capítulos sem citar o nome do personagem? Só no sexto capítulo é que ele diz que não lhe dera um nome. Estavam aceitando tão naturalmente esse personagem, sem nome, mas o que não tem nome, não existe. Então tinha que ter um nome. Um objeto tem que ter nome, um cachorro tem que ter nome, uma casa tem que ter nome. Antônio Manuel de Almeida conseguiu escrever cinco capítulos sem dar nome ao seu personagem, um personagem forte desde o começo. É um jovem educado, mas é um homem do povo, um homem que não está sujeito a nenhuma lei, não estuda, não está na universidade. Está fazendo coisas para sobreviver, está arranjando uma mulher. É esse tipo de homem do povo que também o nosso romancista José Cândido de Carvalho traz para o seu romance.

Lembrando-me, então, daquele dia, no Colégio Bittencourt, em Campos, quando ele me procurou para me perguntar o que é que eu escrevia e ele me disse que escrevia histórias, eu achava que era difícil escrever histórias, que

era mais fácil escrever poesia, porque a poesia fluía nos meus ouvidos desde os anos do seminário. Uma história era, para mim, uma coisa monstruosa, imensa. E ele queria escrever histórias. Escreveu tão bem essas histórias, que entrou para a Academia Brasileira, entrou para a história da literatura brasileira, é uma das glórias deste país. E hoje estamos aqui, nesta platéia, sob a égide de Machado de Assis, comemorando a existência e a obra desse menino, nascido em Campos, que aos dezesseis anos me disse: “Eu escrevo histórias.” E escrevia mesmo.

# O CRONELE O LOBISOMEM



34.<sup>a</sup> edição

# JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO

J.O.  
JOSÉ OLYMPIO EDITORA

# Manuscritos inéditos de um romance

RICARDO LUÍS VIANNA DE CARVALHO

**N**a verdade, eu esperava falar por último, quando iria fazer um agradecimento aos meus antecessores nesta mesa-redonda que teriam falado sobre meu Pai. Mas, como foi antecipada a minha fala, vou continuar assim, fazendo o meu agradecimento aos acadêmicos e à Academia Brasileira de Letras, ao Presidente da Academia e, em especial, ao meu amigo Antonio Olinto, que teve a iniciativa de realizar esta mesa-redonda em homenagem aos 90 anos de nascimento de José Cândido de Carvalho e aos 40 anos de lançamento de *O Coronel e o LobisOMEM*.

Minha apresentação foi antecedida por um simpático bate-papo, na Sala de Chá dos acadêmicos, onde tive a oportunidade de conhecer pessoalmente vários deles, embora já os conheça todos de fama e de nome. Mas tive a oportunidade de conhecer a vários deles pessoalmente e ter uma conversa que foi muito interessante com Carlos Heitor Cony, antes que ele saísse para outro compromisso. Numa rápida avaliação da obra de meu Pai, disse ele que o livro mais im-

Participação na mesa-redonda *90 Anos de José Cândido de Carvalho* realizada no Salão Nobre do *Petit Trianon*, no dia 15 de abril de 2004. Transcrição, sem revisão do autor.

portante, para ele, com a autoridade que ele tem de grande escritor, era o *Olha para o Céu, Frederico*, que Antonio Olinto, aqui, menciona como livro de lançamento, porque não estava perfeitamente maduro, e até meu Pai confidenciou a Antonio Olinto que aquele não era um romance completo; é, portanto, um romance que mereceria essa avaliação, feita por um homem que eu considero um dos grandes escritores brasileiros, e que fez essa avaliação para mim surpreendente. Surpreendente porque há uma unanimidade, eu diria, em torno de *O Coronel e o Lobisomem* como sendo o romance mais importante da obra de meu Pai. Uma obra que eu considero extensa, porque meu Pai transitou por vários gêneros com muita propriedade, na minha avaliação.

Eu não iria fazer avaliação literária alguma, eu só iria agradecer, mas, agora, aproveitando que nem todos ainda falaram, eu gostaria de dizer isso. Acho que meu Pai foi um escritor que transitou, com relativa eficiência, em vários gêneros. Ele escreveu romances, mas se exerceu também no pequeno conto, nas histórias curtas, para não falar na crônica do dia-a-dia, que era o seu elemento mais importante, porque ele vivia disso, era jornalista. No fundo, portanto, essa avaliação de Carlos Heitor Cony me deixou um pouco perplexo, não porque eu não encontre qualidades no *Olha para o Céu, Frederico*, mas sim porque havia antes consenso em torno da obra-prima, segundo algumas avaliações, que é *O Coronel e o Lobisomem*, por conta das modificações na língua que o nosso professor Antonio Olinto nos disse aqui. Mas não vou me estender nessas considerações de caráter literário porque não tenho capacidade para isso, sou um mero leitor de romances.

O que eu queria dizer era que me sinto muito honrado de estar aqui, nesta Casa de Machado de Assis, onde freqüentei várias vezes, sempre na companhia de meu Pai, e hoje, num momento de grande emoção para mim e para meus familiares, que é essa homenagem aos 90 anos de nascimento de meu Pai e dos 40 anos de publicação do seu romance mais conhecido e mais contundente. Conversei muito nesta semana com minha família, especialmente com minha irmã, Laura Carvalho, que está presente aqui, e ela me disse: “ – Acho que você deve dar um toque pessoal. Não vai falar sobre literatura, vai falar sobre Papai.”

Então, preparei-me para dizer alguma coisa. De tudo isso, do contato que tivemos com nosso Pai, o que ficou foi a idéia de um pai muito participativo, muito solidário conosco nos momentos cruciais da nossa vida. Eu e a Laura concordamos plenamente nessa avaliação. Um pai que tinha muitas atividades, que não tinha tempo para estar presente em todos os momentos, mas tivemos uma convivência muito importante. Ele nos deixa, portanto, esse legado, não apenas um legado literário e de inteligência, mas uma herança de caráter moral, que nós muito prezamos, que foi tão importante na nossa formação.

Gostaria também de dizer aqui alguma coisa sobre a permanência de José Cândido de Carvalho. Considero que um evento como este ajuda muito a lembrar e a preservar a obra de um escritor. É voz corrente que, quando um escritor morre, há um período de esquecimento, que pode ser, na melhor das hipóteses, temporário, mas na maioria das vezes é até definitivo. Este não é o caso de José Cândido de Carvalho, que morreu há quinze anos, em 1989, mas ainda persiste o interesse na obra dele. Não podemos nunca fazer avaliações de longa duração, se isso vai perdurar ou não, mas por dados que temos hoje, parece que o interesse continua e a tendência parece ser a mesma para os próximos anos. *O Coronel e o Lobisomem* foi publicado há quarenta anos, já um período longo de publicação, e há um interesse permanente por essa obra.

Grande parte desse esforço de preservação da obra de José Cândido de Carvalho e a vontade que isso permaneça como um patrimônio familiar e também da cultura brasileira devem-se ao importante papel – tenho que dizê-lo aqui – que a minha irmã Laura exerceu, durante esses quinze anos, suprimindo a falta de meu Pai em muitos aspectos, não só na organização de toda a papelada, todos esses contratos, o contato com as editoras, os novos agentes literários. Houve um trabalho importante que ela fez nesse período, e eu queria aproveitar esta oportunidade para fazer esta homenagem, que eu acho que é absolutamente justa. Foi assessorada pelo meu grande amigo, o Renato Santos, marido dela, que nos deixou há dois anos, uma grande perda que nós sofremos, e que foi um homem muito interessado pela obra de meu pai e ajudou muito a Laura em preservar e levar adiante essa obra.

Mudamos de editora, houve uma série de providências, contratamos uma eficientíssima agente literária, que é a Lúcia Ritz, que está aqui presente, para a nossa alegria. Estamos então nesse processo.

Mas Laura foi muito além. Chegaram-lhe às mãos os manuscritos inéditos de um romance de Papai que fora prometido, mas nunca publicado, que é *O Rei Baltasar*. Laura trabalhou durante os quatro ou cinco últimos anos sobre esse romance, que está quase pronto para publicação. Através da Lúcia Ritz e da nossa editora, esperamos ter a possibilidade de realmente publicá-lo. É um romance incompleto, foram publicados alguns capítulos, na imprensa, há alguns anos, mas não chegou a sair em livro. Papai achava que o romance não estava amadurecido, havia uma marca muito grande talvez do *Coronel e o Lobisomem*, conversou a respeito com outros companheiros da Academia, ele estava tão imerso na personalidade e na linguagem do Coronel, e é essa avaliação a avaliação que a Laura faz, que acabou repetindo em alguns momentos desse manuscrito uma espécie de coronel. Mas, enfim, achamos que esse romance tem valor literário, queremos publicá-lo e vamos fazer um esforço nesse sentido. A Laura é a organizadora desse trabalho e cabe a ela, portanto, o mérito se o livro vier a ser publicado em futuro próximo, porque achamos que efetivamente tem algum valor e, mais do que isso, queremos que esse manuscrito de Papai e parte de sua obra não publicada ainda não fiquem inéditos.

Acho que me estendi muito. Quero agradecer mais uma vez aos acadêmicos, ao público, aos amigos que aqui estão, numerosos, que poderiam dizer coisas importantes porque tiveram convivência, muitos deles, com meu Pai, em situações diversas, nós garotos e ele já um escritor importante, mas que nos dava muita orientação. Por isso quero fazer essa menção aos amigos, porque foram muito importantes também nesse período da minha vida. Muito obrigado aos componentes da Mesa, ao jornalista Hélio Bloch, ao professor Arnaldo Niskier, um grande amigo também de meu pai, escritor e jornalista importante, por muitos anos chefe da minha mulher, que também trabalhou na *Manchete*, essa grande revista brasileira.

# José Cândido de Carvalho, frasista

HELIO BLOCH

**D**epois de Antonio Olinto, depois do Embaixador Ricardo Luís Viana de Carvalho, eu chego aqui, como diria o próprio José Cândido, com “humildoso coração”.

Considero-me um homem de sorte. As múltiplas atividades a que me entreguei, ao longo de muitas décadas, eram verdadeiras ‘cachaças’: movimento estudantil, música, política, jornalismo, televisão, cinema, teatro e literatura. Elas me propiciaram conhecer de perto o amplo e diversificado espectro de personalidades que tanto influíram em nossa vida e em nossa cultura. Eis porque – dada a minha desimportância – cheguei a me classificar como uma espécie de *Forest Gump* tupiniquim. Desse convívio nasceram muitas amizades, das quais algumas são motivo de um orgulho todo especial. É entre elas que situo José Cândido de Carvalho.

Quando diretor da MPM, editei livros-brinde de Natal de notáveis autores, como Jorge Amado, Fernando Sabino e Guimarães Rosa. E o que escrevi sobre Rosa, no livro a ele dedicado, cabe como

Participação na  
mesa-redonda  
*90 Anos de José  
Cândido de  
Carvalho*  
realizada no  
Salão Nobre  
do *Petit Trianon*,  
no dia 15 de  
abril de 2004.

uma luva em José Cândido: “É difícil ser amigo de um gênio. Mas é quase impossível reconhecer o gênio no amigo, tão próximo.” Tanto Rosa como José Cândido obtiveram esse raro reconhecimento.

Quem mais em nossa língua domou – este é o verbo – a palavra como esses dois autores? Rosa afirmou: “Eu não invento. Eu sei o nome das coisas.” E o nosso José Cândido conseguiu atribuir novos significados aos nomes, às palavras, aos significantes.

Leiam o que Eduardo Portella, Gilberto Amado e Antonio Olinto, entre outros, escreveram sobre José Cândido. E o que dele disse a também genial Rachel de Queiroz, em prefácio dedicado a uma das edições de *O Coronel e o Lobisomem*.

Vale a pena ouvir:

“Não fosse eu uma velha senhora e ele para mim um menino, até lhe tomava a bênção, de tanto o admirar. Dá vontade de arranjar um alto-falante e sair por essas ruas proclamando as excelências incomparáveis do importantíssimo romancista brasileiro José Cândido de Carvalho. [...] De tal jeito importante que não sei de ninguém, no momento, que renove o idioma como o renova ele.

[...] No léxico de Zé Cândido não aparece uma palavra que não seja possível; se ela não havia até aqui, estava fazendo falta. No mais, o que ele faz principalmente é usar as palavras com sentido novo, ou imprevisto, ou desacomumado. [...] O que estava por fazer, nestes seiscentos ou mais anos de língua portuguesa, o que o povo não inventou ou os autores não codificaram, esse brasileiro inventa por conta própria e depois oferece à gente de graça. [...] Falar verdade, é o gênio da língua que baixa nesse moço, como santo de terreiro no seu cavalo.”

Por falar em gênio da língua, José Cândido amava Camões, em cujos versos distinguia o coloquial de seu tempo. Isso nos leva ao seu hábito de puxar conversa com toda sorte de interlocutores, notadamente com motoristas de táxi, que Zé Cândido usava com frequência.

Não dirigia, e tinha em comum com a Rachel uma verdadeira ojeriza ao automóvel, contra o qual haviam combinado inclusive fundar um clube: “Hoje, os moços agarrados aos seus carros gostariam de levá-los para a cama, como uma noiva.”

Eis que Zé Cândido encontra um chofer que não somente lera, mas citava Camões. Pois o ilustrado motorista se sai com essa, devidamente anotada pelo escritor: “Camões, doutor, foi o cordel que deu certo.”

Mas, depois de Rachel, o que me resta dizer? Talvez caiba falar sobre a vasta obra de Zé Cândido nascida de seu exercício diuturno do jornalismo.

Jornalismo x Ficção: é falsa essa disjuntiva, palavra em uso entre certos cientistas políticos que poderia ter assento no léxico de José Cândido, porque o que se lê hoje nos jornais mais parece saído de imaginosa ficção. Sobre a compatibilidade dos dois ofícios, aí estão o Antonio Olinto e o Arnaldo Niskier para comprová-lo; e não só na crônica, mas no exercício permanente. Poucos escritores escaparam dessa dupla condição que, na verdade, favoreceu ambas as atividades.

Antonio Olinto, ao prefaciар o volume *Porque Lulu Bergantim não Atravessou o Rubicon*, enriquece nossa percepção sobre a obra: as crônicas do livro vão ainda mais longe em sua variedade, “exatamente por não se tratar de um romance, mas, sim, uma recolta de possibilidades de romance”.

Na esteira dessa descoberta, acredito poder afirmar que esse múltiplo José Cândido, revelou-se também um extraordinário biógrafo: seus 35 retratos 3 x 4 de ministros, poetas, romancistas, políticos, pintores e esportistas de *Ninguém Mata o Arco-Íris* são bem mais do que uma recolta de possibilidades de biografias. Constituem primorosas biografias minimalistas que, por isso mesmo, ultrapassam o modo do lambe-lambe que José Cândido, modestamente, se atribui, tornando-se, em magistral concisão, retratos de corpo inteiro.

Essas minibiografias, em mosaico, receberam de Eduardo Portella o comentário definitivo: “o retrato ultrapassa os objetivos do retratado: faz-se história”.

Por outro viés, eis aí um tipo de jornalismo que é dado a poucos: fazer da entrevista não apenas mais uma estória, mas um retrato.

Meu irmão, Pedro Bloch, que completaria também 90 anos em maio próximo, fez algo semelhante, não na forma, é claro, em que cada um imprimiu seu estilo, mas no objetivo e no esplêndido resultado final. Ao somarmos todas as entrevistas (três são comuns aos dois: Rachel de Queiroz, Di Cavalcanti e Tom Jobim), temos um notável elenco de 71 pessoas das mais expressivas de nosso tempo, e que se tornam imediatamente familiares e íntimas dos leitores, mercê do talento de seus biógrafos.

Qual o traço comum de escritores tão diferentes? O respeito e a admiração pelos entrevistados; a cultura geral e um amplo conhecimento de seus feitos e obras; e, por estas razões, a deferência e a confiança que inspiram a eles, fazendo com que se revelem em sua inteireza, propiciando-nos admiráveis perfis dos retratados.

Aí se evidencia também José Cândido como um extraordinário frasista — outra palavra que lembra seu estilo —, que iguala em qualidade e quantidade os mestres desse particular domínio, Otto Lara e Nelson Rodrigues.

Assim se refere Zé Cândido à máquina em que Agripino Grieco escreve suas memórias: “uma espécie de mamute de parafusos e letras, mais velha do que as próprias memórias que datilografa. [...] Não é propriamente uma máquina. É um serpentário. Desse piano de dizer desaforos, que Grieco toca com um dedo só, têm saído os mais alegres ditos deste Brasil, as melhores caricaturas em palavras já feitas por mãos nacionais.”

Ao começar o volume por Agripino Grieco, é como se José Cândido ameaçasse seus retratados com a mesma verve contundente. Que nada! Em seu piano, em lugar de sarcasmos, Zé Cândido expeliu admirações em tom maior, repassadas, aqui e ali, por fina ironia, que, em lugar de diminuir, aumenta e salienta a humanidade dos entrevistados. E não poderia ser de outro modo, uma vez que coube a ele, como ao Pedro, escolher seus modelos.

Acredito mesmo que ele procurou canalizar sua incomparável veia satírica para os personagens inventados de suas crônicas com o propósito maior de poupar os vivos.

Com uma ressalva: no particular, em *petit comité* de amigos, seu serpentário rivalizava, muitas vezes, em qualidade e variedade, com o de Grieco; mas jamais em público ou em palavra impressa.

Na intimidade, não poupava nem mesmo alguns de seus admiradores. Sobre uma tese de doutorado, dedicada a *O Coronel e o Lobisomem*, afirmou: “Não entendi nada. A autora me atribuiu intenções que nunca tive. Com elas, dava para eu escrever outro *Coronel*.”

A propósito das aspirações de Armando Marques, que sonhou se tornar craque de futebol e, por ser perna-de-pau, acabou como juiz, concluiu: “Os sonhos não calçam chuteiras. Nem fazem gol.”

Vejam o verbo empregado quando sua entrevista com Augusto Rodrigues é interrompida por uma ligação: “Alguém *requisita* seu ouvido ao telefone.”

A admiração por Cacilda Becker inspira seu lirismo: “Suas mãos que esculpiram em vento gestos imortais.”

Falando de Chico Anísio, decreta: “Talento como o dele, só mandando fazer no estrangeiro.”

O sucesso de Dalcídio Jurandir com o lançamento do romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, que lhe valeu inúmeros e entusiásticos comentários na Imprensa, ganhou de José Cândido o seguinte registro: “Um rio de papel e tinta escorreu sobre as páginas do livro.”

A sala da casa de Djanira mereceu essa jóia: “Caio nos braços de um sofá. Próximo, cadeiras de balanço esperam antigas avós, enquanto barrigudo jarro, eternamente bem almoçado e jantado, espia pelos olhos de um buquê de flores. Choram as ladeiras e os buzinetes de Santa Teresa. Chove no país de Djanira.”

A Rachel de Queiroz dedica a maior das admirações: “dona do melhor e mais doce escrever nacional, desde a missa de Cabral ao Brasil do fim dos tempos. Vai chover muita chuva e ventar muito vento antes que Deus, em dia todo especial, resolva editar outra Rachel tipo Quixadá.”

A pedido de Zé Cândido, Francisco Mignone toca, ao piano, uma de suas valsas de esquina: “Seus dedos, feitos de 74 primaveras, correm moços e esper-

tos pela dentadura do velho Blüthner. Estamos em plena valsa. Um cheiro de jasmim sobe das casas sem jardins de Copacabana.”

Jarbas Passarinho, jornalista novato, vai entrevistar um personagem célebre e borda uma frase de efeito. Diz Zé Cândido: “Era uma frase tipo candelabro, com pingos de luz por todos os lados.”

“Tom Jobim! Vinte e tantos anos de mato e cipó e sem um crime. Sem morte de macuco ou capivara. De espingarda imatável. Em suas caçadas, a única coisa que morria era a galinha do embornal. Com farofa e rapadura.”

E Zé Cândido consagra a “Garota de Ipanema” como uma canção ‘imorrível’, com que antecipa o ministro do ‘imexível’ e nos inspira uma definição para os acadêmicos: “Imortais, suas obras são imorríveis.”

Revela também o sagrado horror de Tom Jobim ao avião. Logo ele que veio a emprestar seu nome ao Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro.

É injusto falar em obra bissexta para quem escreveu tanto sobre tudo e todos, embora ele mesmo afirme: “a ficção, é mato brabo no qual rarissimamente circulo, temente que sou de mordida de cobra e dente de lobisomem.”

Ele se dizia capaz de escrever vários livros com o estilo e a linguagem de *O Coronel e o Lobisomem*. Mas a idéia de se repetir não o seduzia. “Aliás, afirmou, já me copiaram sem me dar o crédito”. Seu sempre anunciado e jamais mostrado, nem em primeiro tratamento, “O Rei Baltasar”, viria a constituir uma renovação em seu estilo e linguagem.

E representou uma das minhas maiores frustrações, não apenas como leitor potencial, mas como editor dos livros-brinde da MPM, compromisso firmado no fio do bigode com Zé Cândido. O mesmo ocorreu com a que viria a ser a primeira peça de teatro a ser escrita por Guimarães Rosa, que ele me daria para produzir, e que não passou de projeto.

Saudades dos sábados, dos domingos, dos fins de semana com Zé Cândido e Amelinha, a Meli, sua companheira de três décadas, na casa de Niterói ou na de Maricá, ou em nossa casa do Cosme Velho, onde, após o almoço, a Ester, Meli e eu vigiávamos o cochilo sentado do amigo, que estaria logo de volta, aceso como nunca, para um papo inesquecível.

Distraído como ele só: um dia deixou um bilhete malcriado para a Meli, que teria trancado em uma gaveta papéis de que precisava; e espetou a folha do recado na chave da própria gaveta em questão, em cuja fechadura ela estava enfiada, bem à mostra.

O que eu mais gostaria, era de ter a chave da gaveta em que José Cândido escondeu o seu *Rei Baltasar*, mesmo inacabado, de nossos olhos profanos.

# JORNAL DE JOSÉ CÂNDIDO

## CÉU SEM CORREÇÃO MONETÁRIA

**J**osé Aparecido comprava lenços na Rua Gonçalves Dias, ao lado de Sebastião Nery, que namorava uma grávida de dois filhos que ria para ele por trás do varão de uma vizinha. Por desses dois admiráveis jornalistas, um senhor de chapéu grande adquiria pilhas de carnisas e pagava os comprados na boca do coltro. E Sebastião Nery:

— Conheço esse careta. É o Tomás Barreto, mineiro de Paracatu.

E José Aparecido:

— Que mineiro, que natal já viu mineiro, que é mineiro de raiz, pagar alguma coisa sem chorar? Mineiro pode aborrecido até quando dá esmoia em grã de igreja, gôfrol!

E a prosódia, com fala mineira e jeito mineiro. Aparecido conta aquela coisa de Cajuca Manhães, mineiro de muitas poses, com religião de charqueada em Srinia Rita da Sena. Um dia, o vigário da freguesia solicitou de Cajuca Manhães um auxílio de cem mil réis para obras de sacristia. E postando a mão de água benta nos ombros comerciais de Cajuca:

— O céu te recompensará. No céu terá lugar especial, meu filho.

Cajuca coçou o bolso, virou o bichão pelo avesso, contou e recitou o dinheiro, para deixar na mão do padre cinco mil réis. E justificou assim tão fraco auxílio:

— Reverendo, não é por sumificação que entro com pecúnia tão rancia. Mas é que não sou possuído de preparo de instrução para ficar no céu, de parcerinda com o povo grãdio, dentro do estoulado de cem mil réis. Prefiro ficar nas bordas, numa suvinha de cinco mil réis. Calha mais com a minha desimportância, meu padre.

## NO TEMPO DAS BORBOLETAS AZUIS

**E** comaro, em casa de livros usados, um volume de Medeiros e Albuquerque: *Em Voz Alta*. Foi escrito num tempo manso e cordial. De colarinho duro e bigode frizado, Medeiros fazia conferências sobre coisas minúsculas: o beijo, o beco, o lenço, a mão e a luva. O público ainda não havia descoberto o imposto de renda. A vida carioca engatinhava pela Rua do Ourivar e pelo Morro do Castelo. Nos encontros sem fala, o sucesso era *O Assassinato do Duque de Guise*. As senhoras desmaavam por qualquer barão. Os homens andavam de libório. De repente coberto por uma cãpia, o Sr. Sinifrido Corção endereçava delicadas serenatas nos ouvidos da natinha Nininha Bragança. No meio de uma dessas contracções, o gramofone enloucou e Sinifrido teve de usar sua voz de melinho da Justiça em fim de careta. Pelo que levou uma cãtia que quisse dividir Sinifrido em duas fatias. Enquanto isso, o comendário e quemitor do B'queirão do Passado, Anísio Sucupira, extraía de casa, em lombo de cavalo e boia Miralinda Valão. Na Rua do Rincão, bem junto da casa onde morava Di Cavalcanti, o cavalo parou por falta de gôfrol-

coça. Anísio declarou do alto do seu colarinho de ponta virada:

— Vou aprender a andar de bicicleta e quero ver quem vai pegar Anísio Sucupira em reptagem de donzelice alheia. Quero ver!

Em 1910, Ainda havia borboletas azuis no Passeio Público.

## BENEDITO EM DIA DO BARÃO DE ITARARÉ



Benedito Valadares não quis fazer História.

**E**n a Praça Quinze, a caminho do mar da Guanabara, encontro uma velha e sempre renovada admiração: o cônego Antônio de Paula Dutra. Que em assunto de conversar e escrever é de primeiríssima ordem. Sua palestra, seca e encantada, lerna nesses viagens entre Rio e Niterói mais pitorescas que as viagens de Marco Polo. A última que ouvi dele, a propósito de Benedito Valadares, é de arquivo. Certa ocasião, Benjamin Vargas, o famoso Beijo, protestou por uma afirmação que Benedito tinha feito em seu livro de memórias. E Benjamin, indignado:

— Não foi assim, Benedito! Você sabe muito bem disso.

Valadares, depois de ouvir com paciência possessiva os reparos do irmão de Genúlio, deu uma do Barão de Itararé. Neste estilo de mel de abelha:

— Deixa isso para lá, Beijo! A gente não escreve memórias para fazer História. A gente

# José Cândido de Carvalho “invençioneiro e linguarudo”

ARNALDO NISKIER

Senhor Presidente Ivan Junqueira, Acadêmico Antonio Olinto, prezado Ricardo, em quem também saúdo a Laura, meu amigo e irmão Helio Bloch.

Se José Cândido aqui estivesse, e eu acho que ele está, ele apontaria aquele dedo magro pra mim e diria: “ – Bem feito!” Aí teria que perguntar: “ – Bem feito, por quê?” Ele responderia: “ – Você chegou atrasado, é o último a falar, não tem mais o que dizer.” Era essa a lógica do Zé Cândido. Enfim, quero pedir perdão aos acadêmicos, aos amigos e fãs de José Cândido, porque o atraso realmente foi involuntário. Mas eu não deixaria de vir porque, se houve uma pessoa a quem eu me afeiçoei e de cujo estilo eu gostava muito, e não entendia por que ele, que não havia nascido nos limites da capital do Rio de Janeiro, tinha todo um meneio, todo o jeito, toda a malandragem do carioca, e era campista. E disso se orgulhava muito. Então, esta é uma homenagem que temos obrigação de prestar a José Cândido, hoje, aqui, agora e sempre, porque durante os muitos anos em que

Participação na  
mesa-redonda 90  
*Anos de José  
Cândido de  
Carvalho* realizada  
no Salão Nobre  
do *Petit Trianon*,  
no dia 15 de  
abril de 2004.

nós convivemos, na Academia Brasileira de Letras ou em outras atividades que ele exerceu, como a Direção da Rádio Roquette-Pinto, como a Presidência da Funarte, durante muitos anos, e a Presidência do Conselho Estadual de Cultura, que eu tive a sorte e o privilégio de ser o responsável pela nomeação, porque naquele momento eu tinha acabado de ser escolhido como Secretário de Estado da Educação e Cultura do Rio de Janeiro, e ele deu vida a um Conselho que normalmente opera com limitações – limitações de dinheiro, às vezes limitações de imaginação, que no José Cândido nunca faltou.



O ano de 2004 é muito rico em lembranças da grande figura que foi o jornalista, contista e romancista José Cândido de Carvalho. Primeiro, por ter nascido em agosto de 1914; estaria completando 90 anos. Outro motivo, o mais triste, por ter deixado em 1989 o convívio alegre que mantinha com os amigos, dentre os quais me incluo, portanto há 15 anos. Por último, vale recordar a sua grande realização – o livro *O Coronel e o Lobisomem* – que teve a sua primeira edição em 1964, ou seja, há 40 anos.

A obra de José Cândido de Carvalho está inserida dentro da literatura brasileira na tendência surgida nas décadas de 50 e 60, que privilegia a temática agrária. Neste segmento também se incluem João Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, Mário Palmério e João Ubaldo Ribeiro.

Zé Cândido, como o chamávamos, morreu aos 75 anos de idade. Foi um cidadão de extrema simplicidade, nada de lobo, que gostava de roupas brancas, como se estivesse em permanente disponibilidade para ir à missa. Tinha um estranho fascínio pelo serviço público. Presidiu a Funarte com sabedoria, foi diretor da Rádio Roquette-Pinto e membro do Conselho Estadual de Cultura. Posso dizer com orgulho que lá se encontra o seu retrato, na galeria dos ex-presidentes, posição que alcançou com a minha ajuda, como então Secretário de Estado de Educação e Cultura. Ele olha para mim, quando visito a sala, como se quisesse dizer “obrigado”. Coisa de gente grandiosamente humilde.

## O amor por sua cidade natal

Zé Cândido amava a sua origem campista. Não só ambientou obras na cidade de Campos, como Josué Montello faz com a sua amada São Luís, como contava histórias (ele era um contador de histórias) a respeito da indiscutível valentia dos goitacazes. Só contraía o rosto quando alguém duvidava da veracidade dos relatos.

Em Campos, estudou em escolas públicas e trabalhou em diversas funções, inclusive como ajudante de farmacêutico. Como jornalista, começou como revisor na redação de *O Liberal*, tendo atuado depois como redator em outros jornais. Também em sua cidade natal fez os estudos preparatórios que culminaram com a formação em Direito, em 1937, pela Faculdade em Direito do Rio de Janeiro. Ao optar por morar no Rio de Janeiro, em Santa Teresa, trabalhou em diversas redações, mas o coração de Zé Cândido sempre esteve ligado à sua Campos de Goitacazes.

Outro famoso campista, José do Patrocínio, jornalista e romancista como José Cândido, também se radicou posteriormente no Rio de Janeiro. A busca incessante pelo ideal abolicionista de Patrocínio se assemelha, com certeza, à luta de José Cândido em prol da cultura brasileira. A trajetória de coincidências entre os dois grandes brasileiros também inclui o fato de ambos terem pertencido à Academia Brasileira de Letras. Com certeza, o ambiente cultural da cidade teve grande influência nas suas obras.

## Convivência alegre na ABL

Na Academia Brasileira de Letras, foi eleito em 23 de maio de 1973 para a Cadeira n.º 31, sucedendo a Cassiano Ricardo. Foi recebido pelo acadêmico Herberto Sales em 10 de setembro de 1974. Teve em Rachel de Queiroz, também, uma grande amiga, como fui testemunha. Na crítica a pessoas e costumes eram muito parecidos. E riam, no chá ou fora dele, para desespero dos que estavam de mal com a vida.

Muita gente gostaria de saber como era o seu comportamento na ABL. Convivemos durante cinco anos. Rimos muito do seu incomparável espírito crítico e da forma como debochava dos falsos e efêmeros poderosos. Com uma piada, acabava com a pose de qualquer um. E sabe-se lá a razão disso, sempre ao lado do sóbrio e quase zangado José Honório Rodrigues, um dos grandes historiadores do Brasil. A dupla era originalíssima, pois vivia unida pela diversidade de temperamentos, um aberto, outro fechado. Foi na diferença que eles encontraram as afinidades que podem explicar uma grande estima.

Tendo convivido muitos anos com R. Magalhães Jr., na revista *Manchete*, e como madrugadores que éramos, tornamo-nos grandes amigos. Foi ele o primeiro a falar na minha candidatura à ABL, “na hipotética vaga dos educadores”. Mas foi José Cândido de Carvalho que abraçou o meu nome, de forma efetiva, nos idos de 1983, ensinando-me os caminhos do difícil e improvável êxito. Devo-lhe esta palavra de gratidão e saudade.

Um rápido comentário sobre a vida jornalística do autor de *O Coronel e o Lobisomem* pode ajudar no traçado da sua personalidade. Foi um dos astros da revista *O Cruzeiro*, onde escreveu admiráveis biografias. E manteve uma relação mais íntima com o tradicional jornal *O Fluminense*, de Niterói, onde era titular de uma apreciada coluna. Gozou da estima do seu diretor, Alberto Torres, ao qual um dia me apresentou, para que também compartilhasse da sua amizade. O que ocorreu, de forma respeitosa e durante muitos anos.

## O humanismo do escritor

Durante a minha convivência com José Cândido de Carvalho, nas diversas atividades e principalmente na Academia Brasileira de Letras, observava muito o seu comportamento moral e ético. Isso fez com que eu verificasse a grande figura humana que ali existia. Dito isso, não posso deixar de falar um pouco sobre a questão do humanismo, sem querer entrar no mérito de teorizar, nem tampouco falar sobre valores humanos ou religiosos. O fato é que o comportamento do autor de *O Coronel e o Lobisomem* o aproxima, de uma certa forma, do

escritor português José Saramago, que disse certa vez: “Ao romance e ao romancista não restava mais que regressar às três ou quatro grandes questões humanas, talvez só duas, vida e morte, tentar saber, já nem sequer donde viemos e para onde vamos, mas simplesmente quem somos.”

Também em certo momento, Saramago declarou que, “apesar de tudo, não creio que o mal seja o motor que faz bater o coração humano. Embora me pareça igualmente que não é o bem que o faz bater”.

### A originalidade de *O Coronel e o Lobisomem*

Lançado em 1964, o livro *O Coronel e o Lobisomem* transformou-se na obra-prima de José Cândido de Carvalho. E não poderia ser diferente, já que desde o início gerou curiosidade pela originalidade da linguagem utilizada, com muito humor, realçando o falar simples do povo. Escrito na primeira pessoa, ao mesmo tempo em que enfoca os contrastes das vidas rural e urbana, toda a trama se desenvolve em torno do que poderíamos chamar de sobrenatural, fantástico, absurdo, místico e/ou misterioso. Essa característica já fez com que o nosso escritor fosse comparado aos grandes mestres da literatura latino-americana, como Gabriel Garcia Márquez e Vargas Llosa, que privilegiam a magia em suas obras, vide *Cem Anos de Solidão*, de Márquez, com a sua enigmática Macondo. A obra também nos leva a algumas lembranças de Guimarães Rosa, em particular *Grande Sertão – Veredas*.

No livro de Zé Cândido, a história do coronel Ponciano de Azeredo Furtado é contada por ele mesmo. Dono de fazendas no interior do estado, abastado, mas apaixonado pelos acontecimentos da cidade e pelos negócios, ele procura, sem muito sucesso, conviver também no meio urbano. O resultado dessa luta interna, dessa contradição, não foi nada gratificante para o nosso herói (ou seria o anti-herói, como Macunaíma, de Mário de Andrade). Ponciano acaba sendo duramente nocauteado pela vida, enlouquecendo e perdendo a fortuna.

Assim como o personagem Brás Cubas, de Machado de Assis, o relato da história do coronel Ponciano é feito por ele já falecido. Mais uma faceta do

nosso grande escritor, que prega uma peça nos leitores, já que só é possível saber dessa particularidade ao final da leitura do livro. O curioso é que o livro foi lançado 25 anos depois do seu romance de estréia, *Olha para o céu, Frederico*, de 1939.

Como bem disse o acadêmico Antonio Olinto, a obra não deixa de ser alegre, “com uma utilização das palavras como significando mais do que parecem capazes. Surrealista? Claro, mas de um surrealismo que não se esconde, que se apossa das palavras e joga-as para o ar, funâmbulo que, por brincar com elas, domina-as”.

É por essas e por outras que o acadêmico Carlos Heitor Cony considera Zé Cândido “um dos nomes mais importantes da literatura brasileira de todos os tempos”. Aliás, também foi esta a opinião do escritor Érico Veríssimo, em 1964, quando o livro foi lançado. A obra foi traduzida para diversos países europeus, e ganhou os Prêmios Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, Coelho Neto, da ABL, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil.

O cinema também foi atraído pela obra, e, em 1979, o diretor Alcino Diniz produziu um bonito filme, com destaque para a atuação de Maurício do Valle, como coronel Ponciano. E ainda este ano está prevista uma nova adaptação do livro para o cinema, agora com roteiro e direção de Guel Arraes.

### *O Coronel e o Lobisomem x O Bem-Amado*

O bom debate é aquele que suscita controvérsias. Desenvolver um tema e obter o aplauso geral da platéia pode ser simpático ao ego de cada um de nós, mas não é enriquecedor. Da discussão nasce mesmo a luz.

Vejamos o que aconteceu envolvendo o livro *O Coronel e o Lobisomem* e a telenovela *O Bem-Amado*, do escritor baiano Dias Gomes, nascido em 1922, ambos pertencentes aos quadros efetivos desta Academia, embora em tempos distintos.

O livro, que aborda uma entidade fantástica da credice popular (o lobisomem), livre criação de vocábulos, alcançou várias edições e ainda hoje é referência até mesmo em declinantes vestibulares. O trabalho televisivo, que con-

sagrou o ator Paulo Gracindo como o Prefeito Odorico Paraguassu, da cidade de Sucupira, cheio de “apenasmente” e outros termos híbridos, repetindo a técnica do livro, que é bem anterior em termos de lançamento, teve tantos méritos que obteve audiências espantosas, o que seria impossível ocorrer se o texto não fosse igualmente atrativo.

Vale a pena reproduzir algumas pérolas do coronel Ponciano de Azeredo Furtado, do livro *O Coronel e o Lobisomem*, e também algumas tiradas do Prefeito Odorico Paraguassu, em *O Bem-Amado*:

*O Coronel e o Lobisomem:*

“Já morreu o antigamente em que Ponciano mandava saber nos ermos se havia uma casa de lobisomem a sanar ou pronta justiça a ministrar”;

“Nos currais de Sobradinho, no debaixo do capotão de meu avô, passei os anos de pequenice, que pai e mãe perdi no gosto do primeiro leite”;

“Esse menino tem todo o sintoma do povo de política. É invencioneiro e linguarudo”;

“Meus dias no Sossego findaram quando fui pegado em delito de sem-vergonhismo em campo de pitangueiras”.

*O Bem-Amado:*

“Vamos deixar de entretantos e ir direto aos finalmentes”;

“Esta obra entrará para os anais e menstruais de Sucupira e do país”;

“É com a alma lavada e enxaguada que lhe recebo nesta humilde cidade”;

“Vamos dar uma salva de palmas a esta figura trepidante e dinamitosa”.

Suscitou-se essa discussão, mas ela se dissolveu na fumaça do tempo. Afinal, com quem estaria a primazia? Ou foi por acaso, coisas do nosso surpreendente subconsciente? Aí está uma primeira razão para evitar a monótona unanimidade e lembrar para sempre os seus inspirados autores.



São coincidências, embora se diga sempre que para Deus não há coincidências, quem sabe mistérios do inconsciente ou do subconsciente, mistérios, enfim, de dois escritores hoje já falecidos, que devem estar nos assistindo lá em cima, sem considerar quem veio primeiro quando sabemos que os dois são muito importantes e fundamentais para a literatura brasileira, com seus estilos muito próprios, e como disseram aqui os oradores que me antecederam, cada um deles dando a sua contribuição para o enriquecimento do vernáculo. José Cândido de Carvalho criou tantas palavras, muitas delas acabaram se incorporando ao nosso vocabulário ortográfico, que temos que abençoar o tempo que convivemos, nesta Casa, com o nosso Zé Cândido, tê-lo na lembrança de forma permanente, esperar que os seus livros continuem a ser editados e achar que a Academia, pela boa lembrança do Acadêmico Antonio Olinto, fez a sua parte. Mostrar exatamente que a razão da nossa imortalidade é o fato de que aqui se relembra sempre aqueles que passaram um dia pela Casa de Machado de Assis na condição de acadêmico.

José Cândido de Carvalho merece o nosso respeito, a nossa saudade. Presto a minha homenagem ao meu querido amigo, dizendo estas palavras, que só não são, como eu disse, mais profundas nem mais bem bordadas, porque falar diante da Nélida Piñon me dá sempre alguma angústia, porque ela fala de uma forma tão admirável, como fez anteontem, falando a respeito do seu livro *Vozes do Deserto*, e intimida. Podem ter certeza disso, eu fui para casa intimidado. A próxima vez em que eu estiver diante da Nélida, vou ter que tomar cuidado, porque é uma forma de render as frases, de enriquecer o pensamento, é uma luta aparentemente inglória entre Sherazade e o califa, mas Nélida trata isso de uma forma admirável. Esta é a nossa Academia Brasileira de Letras. Aqui estão ou estiveram as pessoas que eu considero, com exclusão óbvia minha, as mais importantes da nossa literatura, de que José Cândido de Carvalho foi um pilar, sem dúvida nenhuma.